

VALDINEI ISAC GONÇALVES DA SILVA

**“PORTUGUÊS: TIRANDO DE LETRA”
PROJETO CULTURA, PRÁTICAS DE LETRAMENTO E INSERÇÃO
ACADÊMICA**

**16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL
V SEMINÁRIO “LEITURA E PRODUÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR”**

**“Português: tirando de Letra” in
Projeto *Cultura, Práticas de Letramento e Inserção Acadêmica***

Valdinei Isac G. da Silva – UERJ / PROALFA
Natália da Trindade – UERJ / PROALFA

*O Proalfa é um ancoradouro seguro
para alguns barcos que estão à deriva.
(Amadeu Lucinda... aluno, poeta e amigo)*

No presente texto, relataremos a prática exercida na oficina que está vinculada ao projeto *Cultura, Práticas de Letramento e Inserção Acadêmica* do Proalfa. Este projeto é voltado principalmente aos alunos que adentraram na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – pelo sistema de reserva de vagas, destinado a alunos de escolas públicas e afro-descendentes (de 2006). A proposta desse projeto surgiu devido a constantes reclamações dos professores de graduação sobre a dificuldade que seus alunos vinham apresentando no decorrer das aulas. Tais dificuldades relacionavam-se ao cumprimento de suas tarefas acadêmicas exigidas pela instituição, como preparar seminários, elaborar textos acadêmicos e outras atividades que demandam certo conhecimento específico. O PROALFA, então, em parceria com o Programa de Iniciação Acadêmica – PROINICIAR (programa de apoio ao aluno oriundo do sistema de reserva de vagas) –, com o objetivo apoiar o estudante de períodos iniciais em sua permanência na Universidade, criou a oficina *Português: tirando de Letra*.

Após várias discussões sobre as propostas de ensino que pudessem favorecer um bom desempenho a estes alunos, decidimos por uma metodologia voltada à prática de produção textual e de leitura. Através de uma pesquisa inicial, percebemos que os alunos que chegavam a nós não obtinham um bom relacionamento com a escrita e a leitura, sendo assim, nossas aulas não foram voltadas apenas para o ensino de gramática, como acontece nos cursos instrumentais existentes de língua portuguesa; entretanto, procuramos sempre ressaltar em nosso planejamento a necessidade de se trabalhar com estes alunos a ortografia, a sintaxe e os problemas referentes à coesão e coerência textuais, através da leitura, produção e revisão de textos, em uma perspectiva construtiva de significados.

O projeto que será aqui relatado foi realizado no segundo semestre de 2006, as aulas foram em forma de oficinas, com atividades selecionadas segundo as dificuldades apresentadas pelo aluno e pelo acompanhamento de seu desenvolvimento, através de uma avaliação contínua da aprendizagem, seguida de devida orientação pedagógica. O trabalho teórico que fundamentou as oficinas enfocou os estudos sobre linguagem, lingüística aplicada e textual e partiu de pesquisas específicas nas áreas de leitura, produção textual e prática pedagógica, que serão aqui ressaltadas quando necessárias.

Para enfatizar nosso discurso, iremos, no decorrer do texto, apelar às falas de nossos alunos, transcritas em atividades e avaliações que fizeram ao longo do curso, conscientes de seu aprendizado e da importância deste à sua vida acadêmica.

Ao obtermos a proposta do projeto, começamos a nos autoquestionar sobre o que iríamos nos basear para construir nossos objetivos. Analisamos primeiro que, pelo discurso dos professores, os alunos que viriam à oficina não cumpriam satisfatoriamente suas atividades acadêmicas, alguns professores diziam o que motivo era por serem “cotistas”, enquanto outros professores não faziam tal diferenciação, mas afirmavam que, cada vez mais, os alunos estão entrando na universidade com problemas maiores, provenientes por lacunas deixadas pelo *Ensino Fundamental* e *Médio*, que acabam por dificultar seu processo de adaptação ao ritmo de estudo universitário. Da mesma forma, o PROALFA não centrou suas vagas apenas a alunos e reserva de cotas ou aos alunos vinculados ao PROINICIAR, pois vários outros alunos já procuraram a oficina por reconhecerem ter as mesmas dificuldades na leitura e escrita e por desconhecerem os textos acadêmicos.

Verificamos que as tarefas realizadas em níveis insatisfatórios pelos universitários eram a escrita de provas, trabalhos de pesquisas acadêmicas, a elaboração de resenhas, resumos, fichamentos e monografias e a leitura dos textos didáticos, resultante de uma grande defasagem de suas leituras anteriores. Também consideramos, pela nossa experiência do primeiro semestre, a grande dificuldade dos alunos e sua relação com a leitura e a escrita, os problemas constantes com a redação, a pontuação, coerências e coesão textuais, etc.

A relação que tenho com a escrita não considero ideal, apesar de me dar bem quando preciso escrever (...) Não gosto de escrever muito, pois tenho receio de estar escrevendo de modo errado e não se fazer entender. (Rosângela, aluna da oficina no inicio do 1º semestre de 2006).

Também inserimos em nosso planejamento questões e discussões relativas do ato de ler, escrever, ao estudo autônomo, à conscientização dos alunos de seu fazer político, sua responsabilidade social, seu posicionamento crítico quanto à produção e ao estudo acadêmico-científico atual e do ensino, na universidade.

Meu sonho seria ser professora de matemática, para ajudar os meus alunos; seguir o bom exemplo desses dois professores maravilhosos, para que nenhuma criança se traumatizasse mais. Só que não nasci para a área de exatas, sou um fracasso! (Olha o trauma!). Então decidi ser professora de 1ª a 4ª série e dar o

melhor de mim aos meus alunos. (Ivy, aluna no inicio do 1º semestre de 2006).

Por este motivo, organizamos uma ementa de curso que focasse os seguintes assuntos: a produção dos trabalhos acadêmicos, a escrita e revisão de textos, a leitura e, para concluir, a conscientização sobre a pesquisa acadêmica e a formação científica do educando (ressaltando sobre sua exigência à seriedade nos estudos e sua responsabilidade na iniciação e contribuição à produção científica). Baseados nos níveis de complexidade da aprendizagem e da elaboração dos textos acadêmicos, montamos a seguinte ementa:

Cronograma/ Ementa

Dia	Atividades	Assunto/Conteúdos
4/11	1 Modelo e padrões para textos acadêmicos	- Norma culta e língua padrão; - Linguagem dos textos acadêmicos; - Letramento.
6/11	1 Estudo sobre – Resumos	- Escrita acadêmica e regras de formatação; - Tópicos frasais.
1/11	2 Revisão de textos	- Ortografia, sintaxe; - Linguagem oral VS linguagem escrita; - Adequação lingüística.
3/11	2 Estudo sobre – Fichamentos	- Referências bibliográficas e expressões latinas em textos acadêmicos; - Formas de avaliação e escrita.
8/11	2 Tipologia textual e Gêneros do discurso	- Letramento acadêmico; - Avaliação.
0/11	3 Estudo sobre – Resenhas	- Definição, apresentação gráfica, prova dissertativa; - Método e pesquisa científica.
5/12	0 Proposta de pesquisa em trabalhos acadêmicos	- Discurso científico; - Monografia; - Projeto de pesquisa.
7/12	0 Apresentações e seminários	- Linguagem oral.
2/12	1 Estudo sobre – Monografias	- Projeto de pesquisa, monografia; - Representação gráfica; - Regras da ABNT.
4/12	1 Encerramento	- Considerações e avaliação finais

Esta foi uma ementa inicial bem ampla de conteúdos e um tanto rica, devido ao fato de termos que *enformar* diversos conteúdos que víamos como essenciais ao iniciante universitário, dentro de um curto período (de um mês, em dez oficinas). Tais oficinas foram realizadas com duas horas de duração, para que houvesse tempo de ler e escrever, na própria sala de aula, as atividades e textos propostos, por causa de reclamações e pedidos dos alunos do semestre anterior, referentes à falta de tempo para fazerem boas leituras, reflexivas, e bons textos.

Entretanto, não levamos o planejamento inicial ou a ementa como um oráculo ou uma Bíblia à nossa prática, esse era maleável aos eminentes acontecimentos e imprevistos, devido ao fato de esperarmos todos os tipos de alunos, tanto em diferentes fases de aprendizagem de escrita e leitura, quanto alunos de faculdades diferentes. Quando iniciamos, obtivemos tal turma heterogênea – de 1º (a maioria) a 4º períodos dos cursos de graduação em Direito, Ciências Sociais, Administração, Pedagogia, Engenharia Elétrica, Letras (no semestre passado, tivemos dois alunos de História e Filosofia de 7º e 8º períodos) – o que possibilitou nestes dois semestres de nascimento do projeto um trabalho interdisciplinar, que levava às discussões propostas reflexões dignas de intelectuais universitários, enriquecendo as aulas.

Trabalhos acadêmicos – Uma nova forma de se escrever

Como a maioria dos alunos era do primeiro período, ainda não tinham um conhecimento bem definido sobre os diversos tipos de trabalhos acadêmicos, por isso elaboramos aulas objetivadas no esclarecimento de algumas dúvidas com relação à definição, elaboração e finalidades desses trabalhos. Tais esclarecimentos foram embasados na leitura de textos explicativos, confrontação de opiniões e na exemplificação.

Para o início de cada estudo dirigido, buscamos levar vários textos (quatro, no mínimo) que apresentassem uma definição diferente para cada tipo de trabalho acadêmico e os comparávamos, com o objetivo de que o aluno obtivesse uma visão mais clara sobre cada tipo de texto e de sua real aplicação, a partir da observação dos pontos concordantes e discordantes de cada autor.

Já na segunda aula, estudando *resumos* a partir de vários autores que tratam do tema, os alunos, inicialmente, liam os textos como se fossem encontrar em cada um uma pista que o levaria a chegar a uma conclusão certa sobre o que é um *resumo*, da mesma forma que aprenderam e estão acostumados a fazer no segundo grau. Porém, ao acabarem de ler os textos, unânimes, reclamaram dos autores de serem “confusos” ou de apresentarem “coisas distintas”, sendo cada definição uma exposição de um texto diferente, com objetivos diferentes, para fins e pessoas diferentes, sobre o título

de resumo. Foi então a hora que resolvemos intervir, explicando-lhes que não deviam levar nenhum tipo de texto como se fosse completamente fixo e imutável. Cada tipo de texto é susceptível a mudanças, previstas pelos seus objetivos, fins, local de uso, etc., que tornam estes mesmos textos ricos e adaptáveis a cada instituição, a cada professor.

Na aula sobre *fichamentos*, com os alunos já um tanto conscientes de como deveriam pensar este tipo de texto, levamos vários tipos de textos sobre o tema, separando um momento da aula para a discussão, assim como faríamos na aula sobre *resenhas*, mas aproveitamos suas próprias dúvidas para criar neles a idéia de *fichamento* (texto que surgiu no ato de pesquisar, ler e produzir). Depois fizemos uma lista de todos os tipos de fichamento, ligando-os aos seus objetivos principais.

Porém, gastamos maior parte da aula explicando para todos os alunos como se faz uma referência bibliográfica, pois a maioria pensava que era suficiente por apenas o nome do livro e do autor, enquanto outros poucos tinham uma idéia equivocada passada por seus antigos professores, exemplo disso, é que três alunos pensavam que, para fazer a referência bibliográfica, bastava apenas copiar a chamada na contracapa de um livro. Então apresentamos a eles o que era a ABNT e como esta ditava como devia ser apresentada à referência de um livro.

Para apimentar os estudos, escolhemos o texto “Escrita, uso da escrita e avaliação”, de João Wanderlei Geraldi. Após a leitura, concluímos que existe um divisor entre a escrita de um destes textos (fichamento, resumo, resenha, monografia...) por um pesquisador, sob um dos objetivos naturais da pesquisa, e a diferença à escrita destes mesmos textos na escola, onde seu fim/objetivo é ser avaliado, tirar uma boa nota, etc. Deste modo, permitimos que os alunos escrevessem tais textos, conscientes de seu ato de produção textual, podendo guiar sua escrita para melhor eficiência.

O estudo sobre *resenhas* que se seguiu foi como o estudo dos outros textos, porém, como uma das definições confundia-se com uma das definições de *resumos*, após conceituarmos o que é uma *resenha*, fizemos uma comparação entre os dois tipos de textos.

A função da resenha é fazer com que desenvolvamos nossa análise crítica. (...) Existem vários tipos de resenhas, pois existem vários leitores e autores, com isto é difícil “rotular” resenha dizendo que existe tal tipo e só. (Neuza, aluna do 2º semestre de 2006).

No estudo dirigido sobre as monografias, texto mais complexo, deixamos para fazer uma ponte entre este e o estudo que os alunos fariam sobre projeto de pesquisa, que, aqui, apresentaremos mais à frente.

Leitura – a falta de familiaridade com o texto escrito

Não é de se estranhar que a maioria dos adolescentes não tenha o hábito de ler, portanto, nada mais comum que o choque que os calouros sofrem ao se depararem com o enorme material acadêmico a ser lido, compreendido e debatido. No início da oficina, foi pedido aos alunos que respondessem a um questionário, no qual uma das perguntas era “*o que gosta de ler?*”. Para esta pergunta, encontramos respostas como “*Tudo que tenha história e romances*”, “*Gibis*”. O aluno ingressante, na maioria das vezes, não possui um hábito de leitura contínuo e diversificado, mostra-se, então, indisposto para a leitura dos textos acadêmicos que demandem certos conhecimentos prévios específicos, alta percepção e atenção na leitura e a familiarização com linguagem e estrutura textual, apresentando, assim, tremenda dificuldade para entendê-los e ainda mais para argumentá-los. Este tipo de situação é um dos motivos de desespero do calouro, que não se vê como um verdadeiro universitário, se perdendo em um turbilhão de textos e trabalhos.

A partir desta concepção, tentamos agregar em nossa oficina a utilização de textos de cunho informativo e universitário, partindo de um processo gradual de apreensão e reflexão das idéias retiradas dos textos. Iniciando este processo, estudamos em conjunto uma reportagem sobre o casamento na história e na atualidade. Escolhemos este texto como forma de chamar atenção do aluno, possibilitando assim uma compreensão e reflexão mais rápida, com o objetivo de facilitar o trabalho sobre estratégias de levantamento das idéias principais do texto a partir de alguns métodos de leitura e do questionamento guiado pelo professor. Deste ponto em diante, optamos pelo trabalho individual sobre textos escolhidos, e, por fim, pela tarefa de criação de uma resenha, sobre um texto da própria faculdade do aluno.

Paralelo a elaboração do texto, a leitura foi trabalhada como fonte de informações e aprendizagem fundamental. Utilizamos textos que definiam os diferentes tipos de trabalhos acadêmicos, os quais também foram aproveitados para a prática da leitura como fonte de informações a serem comparadas e discutidas, como manuais, livros didáticos específicos e textos eletrônicos.

Os alunos foram orientados no processo da leitura, estimulados ao entendimento, reflexão e à crítica. Esta última, intimamente ligada à elaboração de resenhas e monografias.

Escrita – O medo de escrever e de mostrar para alguém o que se escreveu

Na feitura dos textos estudados (apresentação e bibliografia), obtivemos bons resultados. Entretanto, alguns alunos apresentaram maior dificuldade na elaboração de

seu texto próprio (exercícios sobre resumo e resenha), seja quanto a aspectos gramaticais ou na estruturação coesa do texto.

Tenho aprendido a perder o medo, pois não gosto que leiam o que escrevo. É como se descobrissem sua intimidade (para mim, a escrita é algo muito íntimo). Só quem escreve bem e sem erros é que gosta de mostrar seus escritos (escrevendo livros, por exemplo). (Rafael, aluna em uma avaliação final do 2º semestre de 2006).

A partir destas dificuldades já previstas, voltamos uma das aulas para a revisão dos resumos escritos pelos alunos, a partir de sua reescrita. Com a ajuda dos professores em sala, os alunos corrigiram os erros, que eram apontados pelo sublinhamento das partes que apresentavam desvios de norma à linguagem acadêmica e à estruturação textual. Raras vezes, os alunos perguntavam onde estavam os erros, pois, geralmente, pela segunda leitura já os identificavam. Isto com relação aos erros gramaticais, os problemas de construção textual não eram identificados.

Feita esta tarefa, os alunos reescreveram seus textos, apresentando grande melhora na escrita. Nosso objetivo com essa atividade, mais do que a própria correção do texto, foi fazer com que os alunos percebessem a importância de uma escrita clara e o sentido das regras gramaticais em um texto escrito, que afasta a linguagem falada da linguagem escrita. Através da tarefa de reescrita, conseguimos clarear a mente dos alunos com relação a algumas dificuldades, tais como o uso da vírgula e do ponto-e-vírgula, conjunções e pronomes relativos; atenção à concordância, à paragrafação e aos conceitos de coesão, coerência e concisão. Os alunos não gostaram de ter que reescrever o texto, mas verificaram a importância do trabalho de revisão.

A pesquisa e a contribuição científica

Nosso objetivo principal era familiarizar os alunos ingressantes sobre o cotidiano universitário, recheado de trabalhos, fichamentos e pesquisas. A pesquisa é a atividade mais comum ao universitário, a qual não poderia estar fora de nossa oficina, por demandar um conhecimento específico. Por isso, separamos uma aula para os alunos vivenciarem uma situação real de pesquisa em biblioteca, a turma foi separada em dois grupos e a cada um foi delegado um tema: discurso, escrita, trabalho ou pesquisa científica; monografias e projeto de pesquisa. Ao final da pesquisa, cada grupo deveria apresentar um relatório em forma de seminário.

Antes de começarmos a aula, nós, professores, fizemos um levantamento dos livros que existiam para ter certeza que eles poderiam fazer uma boa pesquisa, após verificarmos que havia vários livros, mais ou menos cinco sobre cada assunto, de

autores diferentes, decidimos por manter a proposta da aula. Levamos então os alunos à biblioteca de Letras da UERJ e os orientamos desde a utilização dos recursos de pesquisa disponíveis até a procura relacionada a cada tema (o que procurar, variações do tema, etc.). Ao adentrarem na biblioteca, os grupos foram procurar livros que falassem sobre o assunto; alguns alunos pareciam agir como se nunca tivessem entrado em uma biblioteca, outros já haviam entrado, mas demonstraram alguma dificuldade na procura de livros que demandavam uma informação específica de seu tema de pesquisa. Ao verificarmos que os grupos estavam satisfeitos por encontrarem apenas um ou dois livros sobre o assunto, chamamos um componente de cada grupo e o levamos a escolher outros livros para enriquecer a pesquisa. Um dos grupos na hora aceitou, mas disseram não haver necessidade; o segundo grupo iria fazer o mesmo, mas quando eles pegaram os textos sobre o tema “monografia” e compararam as definições dos livros, chegaram a seguinte conclusão:

Quando lemos este livro (apontou), ele definia monografia segundo o que pensávamos... Mas, quando olhamos para este (desta vez aponta para um manual de normas, citado nas referências deste texto), confundiu tudo. E os outros complicam ainda mais... (Wellington, aluna da oficina, 2º semestre de 2006).

Após a procura pelos livros e o início do processo de leitura e comparação dos dados, os alunos verificaram um ponto que é comum a muitas pesquisas: que há pontos convergentes e divergentes nas teorias apresentadas pelos livros didáticos. Os alunos sentiram que não podiam pegar qualquer autor e usar suas teorias antes de conhecer outras e verificar em quê estes autores se baseiam. Também tiveram que lidar com a difícil tarefa de elaborar um relatório de sua pesquisa.

Concluindo, fora os contratemplos relatados, os alunos se saíram bem quanto ao processo de pesquisa, entretanto nem todos souberam apresentar satisfatoriamente o seu relatório: o primeiro grupo a se apresentar, o que pesquisou sobre discurso científico, mostrou interesse no assunto, lendo um texto escrito na maior parte do tempo. O segundo grupo obteve um melhor desempenho, os alunos também leram muito, mas souberam apresentar e comentar os dados pesquisados, analisando e comparando-os por meio de uma seqüência clara e objetiva, porém expondo suas próprias opiniões. Apresentaram também um gráfico mostrando a elaboração de uma monografia, como forma de ilustração ao trabalho apresentado, além de um relatório escrito que foi entregue aos professores. Realmente foi uma pena que tenham esquecido a fundamental referência bibliográfica da pesquisa.

Ao fim da atividade discutimos com os alunos os êxitos e falhas de sua pesquisa, bem como de sua apresentação e exposição, na organização das idéias, na falhas de uma boa pesquisa bibliográfica e a linguagem usada, oral ou escrita, por seus

participantes – pois metade dos alunos usou uma linguagem não condizente com a posição em que se encontravam, independente do grupo.

Com esta atividade, pudemos trabalhar várias dificuldades e situações reais de atividade acadêmica que estes alunos, com razão, enfrentarão em sua vida acadêmica, porém, pelas suas próprias palavras, agora enfrentariam com mais firmeza.

Uma batalha intelectual

Assim, ao longo das aulas quisemos partir dos conhecimentos dos próprios alunos para depois expandir esses conhecimentos. Apresentamos diversos textos como forma de elucidação, sobre as diversas definições sobre um mesmo tema, propondo discussões e tentando chegar a uma conclusão clara. Ao mesmo tempo, chamamos atenção para a necessidade de organização textual, coerência e adoção de uma linguagem própria de um texto acadêmico, que se fazia necessário pela não familiarização destes alunos com o espaço acadêmico e pelas suas dificuldades específicas na leitura e escrita.

Tivemos ótimos resultados na aprendizagem dos alunos, que vieram por meio da prática escrita, no decorrer do curso, ao trabalho ortográfico e de revisão em cima dos próprios textos dos alunos, individualmente, trazendo-lhes ferramentas para seu próprio aprendizado. E, também, através de avaliações e auto-avaliações a cada final de semestre, obtendo respostas sinceras, que afirmam que os estudos realizados:

Contribuem desde a realização de uma prova até aos trabalhos acadêmicos, os quais ainda farei muitos na universidade. (Bianca, aluna do 2º período de História, 2007).

E mais...

Contribuíram para minha vida acadêmica e até mesmo para minha vida pessoal, porque, hoje, eu me sinto mais capaz. Aprendi algo que eu não conhecia. (Valdéia, vestibulanda de 2007).

Como já havíamos dito, a maior parte dos alunos da oficina era vinculada ao PROINCIAR, programa de apoio à permanência destes alunos na universidade. Devido ao grande desenvolvimento deles na faculdade e em nossa oficina, no ano seguinte, o PROALFA fez uma seleção de estagiários para continuar seu trabalho de retorno à universidade e teve a oportunidade de entrevistar dois antigos alunos da oficina, avaliando-os e aprovando-os, oferecendo a oportunidade a estes alunos de darem um retorno à extensão universitária através de seu desempenho, ajudando a manter o tripé (ensino, extensão e pesquisa) que mantém o ensino universitário.

Uma outra grande honra à nossa oficina foi ter a presença de um aluno incomum nos dois primeiros semestres de projeto: Amadeu Lucinda, aluno assíduo, ouvinte que

contribuiu muito às nossas aulas. Oriundo da UnATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) e se dizendo autodidata, aprendera a ler e escrever praticamente sozinho e freqüentara a escola nada mais que seis meses. Ficava ele maravilhado com o conteúdo e com as coisas que aprendia, através da escrita e reescrita de seus textos, através da leitura de textos acadêmicos e didáticos, no início, o aceitamos como ouvinte, depois o incluímos na chamada, Ao ver que este não desanimava, pelo contrário, estava cada vez mais ávido por conhecer, e que seus escritos eram poéticos, literários, culturais, nos oferecemos a editar um de seus primeiros livros, um livro de contos de sua vida. Com o aluno cearense, descobrimos o poeta, autor da epígrafe deste texto, e aprendemos como professores em formação que não devemos subestimar aluno algum, mas ensinar e dar a oportunidade a todos que a querem.

Não era, de todo, nosso objetivo inicial, mas acabamos por entrar na batalha da mudança de nossos cidadãos estudantes: a serem autônomos; a enfrentarem sem medo de errar e de mudar; a lutarem pelos seus direitos; a fazerem a diferença; a serem leitores críticos, do real e do abstrato, do teórico e do prático; a vencerem a pobreza intelectual e a saírem do fracasso escolar.

Mesmo não participando de todas as aulas, essa oficina não termina (para mim) no tempo de aula. Acaba a oficina, eu penso sobre essa aula. Tenho lido livros que abordam assuntos que não foram trabalhados no meu Ensino Médio. É uma disciplina com um peso maior do que as outras, porque, se eu não alcançar essa "liberdade" para escrever/ler – ler/escrever, como poderei fazer um trabalho acadêmico no nível de uma universidade com a UERJ. Estou correndo atrás do tempo perdido! (Rosângela, aluna da oficina, em avaliação final do 2º semestre de 2006).

Referencias bibliográficas

ALMEIDA, D.S. *A produção de textos no ensino superior: uma proposta interdisciplinar de ensino de redação para o 1º ano da graduação.* 2000. 2 v. Tese (Doutorado em Ensino do Português) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2000.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula.* São Paulo: Ática, 1997,

MAIOR, Marcia Souto; VILLARDI, Raquel. *Inclusão na universidade do estado do rio de janeiro:* programa de permanência dos alunos que ingressaram no sistema de reserva de vagas. Disponível em: <http://www.reacao.com.br/programa_sbpc57ra/sbpccontrole/textos/marciasoutomaior.htm>. Acesso em: 23 de maio de 2007.

MULLER, Mary Stela. *Normas e padrões para teses, dissertações e monografias.* 3 ed. Londrina: Ed. UEL, 2001.

SALOMON, Décio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 105-211.